

\* \*  
\*

IANNI (Otávio). — *Raças e Classes Sociais no Brasil*. Editora Civilização Brasileira. 2ª Edição. Rio de Janeiro, 1972.

A reedição da presente obra é das mais oportunas, haja vista a sua expressão no conjunto das obras publicadas sobre o tema “Relações Raciais”. Encontramos na obra de Ianni uma coerente e consistente análise das condições históricas e econômico-estruturais em que o Brasil se encontrava quando da Abolição do trabalho escravo. Essa caracterização, considerada básica para a compreensão “radical” das condições que daí advirão para situar o negro recém libertado no palco das relações de produção e de classe, é feita com uma admirável consistência, capaz de causar inveja aos partidários da história factual, tão comuns em nosso meio.

Para Ianni, o movimento Abolicionista, a Abolição e a Ideologia surgida na segunda metade do século XIX no Brasil só poderão ser compreendidos na sua totalidade se buscarmos as raízes desses movimentos no desenvolvimento do Capitalismo e, conseqüentemente, na exigência de um novo tipo de relações de produção condizentes com o novo sistema em emergência. Assim, a Abolição não seria apenas um movimento de libertação dos negros escravos, mas uma revolução que interessava mais às classes brancas dominantes desejosa de libertar vultosos capitais, excluindo o Negro da economia nacional como “meio de produção”. Desta forma, se tornou necessária total reformulação dos conceitos éticos e religiosos sobre o negro até então vigo-

rantes, para substituí-los pela ideologia capitalista do “trabalhador livre” e da maldição da escravidão, considerada anteriormente justa e benéfica a todos.

A Abolição só se realizou quando a oposição Urbano/Rural se cristalizou pela primeira vez na História do Brasil.

A obra do Prof. Ianni se refere à situação racial em Curitiba, indo a sua análise desde a Abolição até às condições atuais das relações raciais entre negros, mulatos, poloneses, judeus, índios etc.

Considerando a sociedade curitibana como palco de intensas e complexas relações raciais, devido à presença de grande número de estrangeiros e como área de expansão do Capitalismo, traça o perfil dos estereótipos e auto-avaliações dos grupos raciais buscando sempre estabelecer as vinculações com os grupos de interesses e com as relações de dominação/subordinação, considerando esta como a chave para a compreensão da realidade. Verifica-se nesta obra uma oposição a uma certa tradição da Ciência Social brasileira que apenas se empenha em descrever os estereótipos e preconceitos como se eles existissem independentes das relações de classe.

Desta forma os preconceitos e estereótipos são manifestações exteriores, conscientes ou inconscientes dos conflitos de classe ou seja manifestações ideológicas que tendo como fundamento último as lutas entre classes no seio do Capitalismo que acabam estabelecendo uma divisão entre negro, mulato, estrangeiro, índio etc.

As próprias vítimas dos preconceitos acabam assimilando os mesmos, criando uma falsa consciência como ocorre com o mulato a meio-caminho da linha-de-cor e do processo de mobilidade social em curso.

Trata-se de mais uma obra que refuta o mito da “democracia racial” brasileira e chama a atenção para a dramática situação dos poloneses de Curitiba, colocados lado a lado, na ideologia racial em vigor, ao negro e tido como portador das mesmas qualidades negativas atribuídas aos negros (alcoolismo, religiosidade, ignorância, ilealdade etc.).

Assim, a discriminação racial não atingiria apenas a população de cor, mas também poloneses, judeus e índios.

Se bem que a referência aos judeus sejam considerações diluídas (residuais) num texto preliminar sobre os poloneses, fica claro o preconceito nutrido sobre os mesmos.

A parte menos aprofundada da obra é a referente ao índio que se resume à rápida demonstração, através dos trabalhos de R. C. de Oliveira e Darcy Ribeiro, do caráter de “colonialismo interno” que tipifica o desastroso contato dos grupos indígenas com as Frentes de Penetração da sociedade nacional. É verdade que o artigo referente ao índio entra no conjunto da obra apenas para compor o quadro mais geral das relações raciais no Brasil, sendo portanto periférico à obra.

O autor parte do método estrutural-funcional e do conceito marxista de “relação de produção”, classe social etc. para concluir que os conflitos raciais não decorrem apenas das diferenças culturais ou étnicas dos grupos em

contacto, mas sobretudo da necessidade funcional de criar conceitos que pudessem ser manipulados para justificar a acomodação dos grupos étnicos na sociedade competitiva em desenvolvimento.

Outro mérito desse trabalho é a meticulosa demonstração estatística dos dados e conclusões sempre, entretanto, confirmados ou delimitados em suas variantes pelos resultados de observações cuidadosas e entrevistas. Assim, o autor sempre informa o leitor de como chegou a tal ou qual conclusão, dando condições para um julgamento das mesmas e ainda imprimindo um caráter didático para a formação de pesquisadores e estudantes de Ciências Sociais.

Finalmente é uma obra rica em sugestões para futuras pesquisas que poderão completar o quadro nacional de relações sociais.

*ROMERO XIMENES PONTE.*